

EDUCAÇÃO NOS TEMPOS ATUAIS: GRANDES DESAFIOS

EDUCATION IN THE CURRENT TIMES: LARGE HALLENGES

Lélia de Cássia F. Oliveira *

A educação é o ponto onde decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele. (...) é, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos.

Hannah Arendt ¹ *Resumo: Este artigo tem por objetivo assinalar algumas das principais transformações sociais ocorridas nestes últimos séculos, e ajudar na reflexão a respeito de alguns equívocos sobre os quais repousa a complexa equação: Educação X Tempos Atuais. A intenção é desmitificar algumas idéias que atravessam o fazer e o olhar dos educadores, bem como despertar o interesse desses educadores na assunção de sua tarefa educativa.*

Palavras-chave: Transformações sociais, educação, desafios.

Abstract: *The aim of this article is to point out some of the main social changes that took place in the last centuries and to help with the reflection upon some misunderstandings on which lies the complex equation: Education versus Current Times. The intention is to disclose some ideas that run through the action and the view of educators in the undertaking of their educational task.*

Key- Words: social changes, education, challenges.

* Psicóloga clínica e Psicopedagoga. Dra. em Psicologia e Educação pela USP, Coordenadora do Centro de Psicologia Aplicada – Maiêutica. Professora Universitária.

* texto publicado Pela ABPP 2002 (Revista Brasileira de Psicopedagogia)

Introdução

O grande projeto da sociedade atual é criar e desenvolver instrumentos e conhecimentos para melhor servir ao homem, alimentando a tão sonhada esperança de uma vida plena e feliz.

Se percorrermos, rapidamente, a linha do tempo, podemos perceber que, da descoberta do fogo até as experiências com clonagem, a humanidade tem testemunhado uma série de mudanças e transformações nem sempre facilmente compreendidas. Os habitantes dessa nova era “pós-moderna” têm uma próspera história de conquistas e avanços tecnológicos que lhes permitiram alcançar a lua, conter a morte, produzir a vida em laboratório, quebrar a barreira do som e voar como um pássaro, realizando um antigo sonho de Dédalo e Ícaro. Destaca-se ainda, dentro deste contexto, a existência de sofisticados computadores e de redes cada vez mais elaboradas de comunicação. O espaço virtual, antes considerado ficção, ganha vida real, e os limites de tempo adquirem outras dimensões, produzindo novas organizações subjetivas que permitem ao homem, entre outras manobras, estar virtualmente em vários lugares, com diferentes pessoas.

A despeito dessa condição de *the best* – situado na era da inteligência emocional, da internet e da qualidade total –, o homem encontra-se, muitas vezes, num completo estado de isolamento, desilusão e niilismo. A globalização – cuja promessa era a de se tornar um elo de ligação e de comunicação entre os viventes deste planeta – acabou engendrando, na sua contraface, a própria exclusão e solidão desses seres. Estes novos elementos sociais de comunicação acabaram corroborando para que, cada vez mais, as pessoas se distanciem umas das outras e criem núcleos individualistas de sobrevivência onde, aparentemente, ninguém precisa de ninguém.

Durkheim² (1978) já nos advertia sobre uma doença contraída no mundo atual: a anomia. Ausência de lei, de valores e de regras de organização, a anomia tem como sintoma o enfraquecimento da idéia de outro e da consciência de coletividade. Caracterizada por um fulminante estado de paixões humanas, essa “doença da modernidade” seria responsável pela dissolução e pelo relaxamento do espírito de

disciplina. Espírito de disciplina que constitui, para esse autor, a condição fundamental para a manutenção do social e do coletivo.

Assim, convivendo com todas essas intercorrências sociais e relacionais do mundo atual, encontramos-nos diante de grandes dilemas; e o desafio torna-se ainda maior quando a tarefa é educar as crianças – responsáveis pela construção do futuro. Nessa empreitada, uma legião de pais e de outros educadores busca os ingredientes, as fórmulas e os melhores meios para conseguir o que acreditam ser uma educação saudável. Deste frenético movimento de busca brotam algumas interrogações: O que podemos esperar da educação que temos ministrado às nossas crianças? Estamos certos a respeito daquilo que queremos lhes transmitir? Como educar de forma competente? Existe algum jeito especial para atingir tal propósito? Qual é? Como nos apropriarmos dele?

Do passado ao presente:

Re-conhecendo as grandes mudanças e as grandes transformações

É preciso, num primeiro momento, constatar que algumas mudanças ocorridas na relação dos adultos com as crianças foram sendo geradas no interior das próprias transformações sociais. Vejamos rapidamente algumas destas mudanças.

Até a Idade Média (século XV) a criança não era contada como membro da família, pois a probabilidade de que ela viesse a morrer era grande². Podemos, portanto, dizer que não havia o sentimento de infância tal como existe hoje. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que a criança que escapava da morte era automaticamente inserida no mundo dos adultos, e já começava a aprender o ofício do pai. Os períodos da infância e da adolescência não eram estruturados como nos tempos atuais. Aos poucos (século XVII), essa criança começa a ser vista com interesse e como fonte de prazer, de realizações e de alegria para os membros da família. Passa, desta forma, a ocupar um lugar de destaque. Ganha vida e força, tornando-se o centro das atenções. O cuidado com o desenvolvimento infantil, como

condição para a formação de um sujeito ideal, vai ocupando espaço cada vez maior e mais significativo nas áreas científicas: na Medicina, na Psicologia e nas áreas afins.

Nos tempos atuais, por razões econômicas e sociais, vemos a mãe – que sempre esteve no comando das questões familiares – sair em busca de emprego e, juntamente com o marido, procurar melhores condições de vida. Entram na família novos membros que, de alguma forma, passam a compô-la de um outro jeito: a escola, a creche, a empregada e/ou os avós, os videogames, os computadores, os brinquedos sofisticados etc.

É imprescindível destacar a mídia, poderosa instituição que também ganha lugar nos lares e na educação da criança. Mídia que passa a conviver com a família e a lhe ditar novos modos de conduta entre pais e filhos e novas relações sociais. Amparada por um forte apelo ao consumo, com suas promessas de resolução mágica para os problemas enfrentados no dia-a-dia, essa instituição presta-se a um aprisionamento ideológico de seu público, esgarçando, cada vez mais, seus valores, seus objetivos e suas expectativas de vida ³.

Outro ponto a ser considerado, em nossos dias, é a existência de uma grande fenda que se instala entre o passado e o presente, como se o presente não fosse articulado com o passado, ou como se o presente tivesse de desconsiderar o passado. Parece que se produziu também uma grande lacuna entre o passado e o futuro: se os adultos do passado sabiam, por tradição, como educar, os adultos de hoje parecem carregar grandes dúvidas e incertezas sobre essa tarefa. Se, por um lado, conquistamos a possibilidade de uma educação mais reflexiva, menos repressora e mais democrática para pais e filhos, por outro, perdemos alguns valores, desvinculando a educação da tradição e da autoridade – elementos, segundo Arendt¹, necessários e indispensáveis para todo e qualquer processo educativo.

Assim, o nosso dia-a-dia revela um cenário lúgubre, no qual se destacam as grandes contradições entre o que queremos para nossas crianças e o que estamos, efetivamente, fazendo por elas. Sem a sustentação desses pilares básicos para a ação educativa – a tradição e a autoridade – e completamente envolvidos pela sensação de renovação constante, por um mundo estruturado pelo pathos do novo, pela sede do

inédito, pelas alegrias desconhecidas, os educadores (pais e professores) acabaram se distanciando de seus deveres e de suas obrigações, ficando reféns de idéias e mitos que atravessam, despoticamente, nosso cotidiano por meio dos mais variados canais de comunicação.

Mitos que rondam o nosso cotidiano

O bálsamo do prazer tem sido um grande sonho e um dos motores dos grandes investimentos da sociedade. Vivemos numa atmosfera em que a dor tem de ser extirpada a qualquer preço. No passado, quando não tínhamos nenhuma anestesia, os sujeitos suportavam as dores e, de certa forma, tornavam-se mais fortes, mais preparados para enfrentar as intempéries da vida. Hoje não conseguimos suportar, nem por alguns segundos, um formigamento no pé. Recentemente, a mídia divulgou a notícia de que, no futuro, teremos condições de prever, com certa antecedência, o aparecimento da dor, e de assim poder extingui-la das sensações humanas. Estatisticamente, 70% da produção farmacêutica do mundo é composta de remédios que garantem suprimir quimicamente as dores do corpo e as dores da alma. A pílula do Prozac, por exemplo, é o remédio que promete o milagre do bem-estar.

Essa idéia de satisfação plena atravessa também as ações educativas e tem contribuído para uma série de equívocos pedagógicos. A crença de que educar deve ser um processo prazeroso tem comprometido, entre outras coisas, o próprio exercício da paternidade que pressupunha a tarefa de conduzir, dirigir, orientar e conter o infante, sempre que se fizesse necessário. No passado, os pais decidiam sobre o que era melhor para seu filho. Eram duros, incisivos e, muitas vezes, repreendiam o filho com a certeza e a decisão de suas convicções. Atualmente, muitos pais não sabem o que fazer e, atravessados por inúmeros discursos, sentem-se perdidos. Optam por entregar na mão do filho as decisões acerca de sua vida. O filho – ainda um aprendiz de ser humano – nem sempre tem condições de se encaminhar da melhor forma. De um lado, temos os pais que, mesmo sem muitos referenciais, se sentem democráticos e liberais, tentando não repetir os modelos de

educação do passado; de outro lado, encontramos os aprendizes da vida, entregues à própria sorte e à mercê da tirania do grupo de amigos e do meio externo que, via de regra, acabam por desumanizá-lo ainda mais.

Para ser feliz o filho tem de fazer o que quer, escolher o que gosta, ser livre para decidir sobre sua vida... Ilusão que faz muitos pais abandonarem seus lugares, deixando o filho virtualmente órfão. Não estamos fazendo a apologia da repressão e/ou do autoritarismo, mas sabemos que, desde sempre, sem repressão não há educação. Não se trata dessa repressão truculenta que estamos acostumados a ver no dia-a-dia; falamos de uma contenção que cabe ao adulto ministrar à criança para que ela possa sair do seu estado natural de anomia (sem nenhuma consideração pelo outro, pela lei e pelas regras sociais), e evoluir para uma vida que se situe entre a Lei e o desejo.

Exercer a autoridade na relação com o filho é, sobretudo, colocar-se no lugar de quem educa e assumir as repercussões da própria ação, ainda que isso implique descontentamento por parte daquele que recebe a ordem. Mas, o medo de “perder” o amor do filho – ou o medo de se indispor com deles – faz com que os pais aceitem qualquer coisa. É possível essa relação? Será que os filhos perderam o respeito ou será que os adultos perderam sua autoridade? O que ocorreu? Ficamos mais fracos, ou não suportamos os problemas por mais insignificantes que sejam? A última explicação parece ser a mais razoável, mas é preciso lembrar que, como seres humanos, estamos à mercê de nossa própria condição – conviver com o prazer e com a dor. Assim, apagar essa sensação de dor é amputar um pedaço de nossa própria condição e impedir o desenvolvimento humano. Dar ao filho tudo o que ele quer é privá-lo da possibilidade de lidar com perdas. Nunca dizer não – sob pretexto de não o “traumatizar” – é prepará-lo para ser um ET, morador de outro planeta, sem a mínima chance de estabelecer um relacionamento saudável. É fazê-lo morador de um paraíso mais que artificial.

Outro mito que se aloja no bojo dessa necessidade de prazer é o mito da “perfeição”. O mundo atual apregoa a necessidade de sermos perfeitos. A busca desse ideal de perfeição parece impregnar o imaginário das pessoas e tende a tornar-

se um grande objetivo de vida. Temos de esculpir um corpo perfeito – com cirurgias e lipos para eliminar os traços da idade –, temos de ser chefes perfeitos, empregados perfeitos, professores perfeitos e pais perfeitos. Pais perfeitos, nesta linha de raciocínio, são aqueles que sempre dizem sim, são “democráticos” vinte e quatro horas por dia, dão tudo que seus filhos querem, não contrariam os filhos e são pacientes em todas as situações. Como isso é praticamente impossível, o que se instala é uma avalanche de culpa, nos pais, por não conseguirem tal façanha, e uma enorme sensação de vazio, nas crianças, por sequer construírem a idéia de convivência social – que implica a compreensão e a aceitação de limites e regras. É na renúncia a alguns desejos e na aceitação do “eu quero, mas não posso” que nós, seres humanos, aprendemos a difícil arte do relacionamento social.

O mercantilismo social e o excessivo desejo de consumo das crianças têm sido outro grande entrave para a tarefa educativa. Comprar não é mais uma ação para suprir uma necessidade e/ou “satisfazer” um desejo; ao contrário, o consumo torna-se, cada vez mais, uma compulsão, um hábito estimulado pelo bombardeio de produtos que, a cada segundo, aparecem na telinha e prometem, principalmente às crianças, a realização dos seus sonhos e de suas fantasias. Assim, tendo a criança como alvo, o mercado se especializa, cada vez mais, em satisfazer os desejos infantis, pois já tem a percepção de que quem governa e quem dá a última palavra é o filho. Os pais, mais uma vez, se vêem pressionados pelos inadiáveis pedidos dos filhos, e acabam cedendo.

Não raro, alguns pais também se utilizam deste maquiavélico movimento mercantil. O “faça isso... e você pode aquilo”, “se fizer... eu dou...”, “se passar de ano, você ganha”. Estas trocas capitalistas não têm sido um bom negócio, pois o ônus destas transações é quase sempre a alienação do jovem que não aprende a se posicionar como cidadão, construindo, desde cedo, a noção de que *ter é igual a ser*, ou seja, *se eu tenho, eu posso*. Esta crença passa então a impregnar sua conduta, sua maneira de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Talvez possamos entender, a partir desse raciocínio, o episódio ocorrido em Brasília, quando alguns jovens resolveram queimar um índio. Sem a mínima noção de cidadania, sem discernimento

sobre o que podem e o que não podem, fizeram o que aprenderam até então: satisfazer seus instintos, mesmo os mais torpes.

Como se isso não bastasse, circula à nossa volta a famosa lei de Gerson: é preciso levar vantagem em tudo. No fluxo desta crença, vemos pais estimulando seus filhos a cometerem transgressões de regras e valores que eles próprios “transmitiram” ao filho. Por exemplo: ensina o filho a não agredir o colega; mas, se for agredido, deve revidar, não pode parecer bobo e se tornar alvo de gozação. A contradição entre o que se diz e o que se faz vai construindo atitudes individualistas e anti-sociais que em nada ajudam na construção do futuro cidadão.

Considerações finais

Sabe-se que os filhos não são feitos para os pais. Mas, antes de entregá-los ao mundo, é preciso mostrar-lhes como esse mundo funciona. Essa função está em nossas mãos e se chama tarefa educativa.

Os pais atuais compõem uma geração de educadores com expectativas e características próprias. Grosso modo, podemos dizer que eles são movidos pelo desejo de dar aos filhos tudo que não tiveram e de não repetir o modelo de educação da geração anterior. Paralelamente a essas expectativas, surge um forte sentimento de insegurança quanto à forma certa de eles agirem com os filhos e, não raro, um forte sentimento de culpa por não conseguirem tal façanha.

Assim, esta equação – mundo atual X educação dos filhos – não é, diante de tantas variáveis até aqui apresentadas, de fácil compreensão e resolução. Esse mundo cada vez mais “evoluído” – onde as pessoas, e principalmente os pais, não encontram tempo para nada; onde, cada vez mais, se tenta eliminar o que causa dor e sofrimento; onde a anomia parece tomar o lugar da Lei – contribui para que o investimento na educação seja tarefa secundária, e implanta nos pais a crença de que a educação é tarefa para especialistas e profissionais.

Educar bem os filhos é tarefa árdua: dar carinho, dar bronca, contê-los, atendê-los, participar de suas vidas, ouvi-los, brincar com eles, orientá-los e puni-los não são tarefas fáceis e, muito menos, agradáveis.

Contudo, é preciso lembrar que, independente do tempo em que vivemos – e enquanto existirem seres humanos – há sempre uma regra imutável: a educação dos filhos é um direito e um dever dos pais. E todo esse processo comportará sempre, pela sua própria natureza, um misto de prazer e de dor. Portanto, é importante lembrar que:

- Filho feliz é aquele que pode chorar;
- Ser um bom educador é poder dizer não;
- Educar implica ensinar a criança a usar a liberdade – que comporta o respeito ao outro;
- Uma boa educação não exige perfeição; pede coerência. O que não é permitido em casa, não é permitido na rua;
- Não existe pai perfeito. O melhor pai é aquele que, como todo aprendiz, erra algumas vezes.
- Regras e limites são pilares básicos para a educação de toda e qualquer criança;
- Reprimir a criança também promove seu bem-estar. Sem repressão, não há educação;
- A conquista da cidadania se alicerça numa boa disciplina;
- Geramos os filhos para o mundo, por isso temos de educá-los antes de eles partirem.
- Quem ama cuida, mas também educa.

Referências Bibliográficas

- 1- Arent, H. Entre o passado e o futuro. 4ª edição, tradução de Mauro W. Almeida, São Paulo: Editora Perspectiva; 1984.
- 2 - Durkheim, É. Suicídio anômico. In: Rodrigues, J. Durkheim. São Paulo: Editora Ática; 1978.
- 3 - Ariès, P. História Social da criança e da família. 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara; 1981.

4 - Oliveira, L. A escola e a família numa rede de (Des)encontros: um estudo das representações de pais e professores. Taubaté: Editora Cabral, 2002.

5 – Brito, DMJ. A sedução e a tarefa de educar – um enfoque psicanalítico. [Tese]. São Paulo; Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2001.